



Evangelii Nuntiandi e Evangelii Gaudium **em questão: uma reflexão teológica** **sobre os desafios à evangelização**

Evangelii Nuntiandi and Evangelii Gaudium
in question: a theological reflection on the
challenges to evangelization

*André Luiz Boccato de Almeida**

PUC-SP

*Julian Carlos de Camargo***

PUC-SP

*Lupeke Nicholas Prosper****

PUC-SP

Recebido em: 27/05/2025. Aceito em: 14/07/2025.

* Pós-Doutor em Teologia (Pontifícia Universidade do Paraná, PUC-PR, Curitiba, 2019). Doutor em Teologia Moral (Pontifícia Università Lateranense, Roma, 2016). Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo, 2010). Especialista em Educação Sexual (UNISAL, São Paulo, 2009). Psicanalista (IBCP, 2011). Professor de Teologia na PUC-SP. Vice-Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia na PUC-SP. Pesquisador na área de teologia, ética cristã, teologia moral, bioética, psicanálise e no diálogo entre fé e razão a partir da educação, Tomás de Aquino e Paulo Freire.

E-mail: a.l.boccato@gmail.com.

** Mestrando em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo). Bacharel em Teologia (Instituto de Teologia São João Paulo II, Sorocaba, 2021). Licenciado em Filosofia (Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2017). Presbítero da Arquidiocese de Sorocaba.

E-mail: julian.sor@hotmail.com.

*** Mestrando em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo). Bacharel em Teologia (Instituto São Paulo de Estudos Superiores, ITESP, 2023). Licenciado em Filosofia (Jordan University College, Juco, Tanzânia, 2017).

E-mail: profelix41@gmail.com.

Dossiê





Resumo: O presente artigo pretende situar resgatar a importância da encíclica Evangelii Nuntiandi (EN) do Papa Paulo VI em analogia com a Evangelii Gaudium (EG) do Papa Francisco, associando aos novos desafios da evangelização. Sabe-se que a evangelização é a grande missão da Igreja e exige um empenho amplo de todos os cristãos. Contudo, ela não pode ser improvisada. Exige conhecimento do que se anuncia e dos desafios postos à fé. Em cada época estes desafios não impedem o cumprimento exigente desta tarefa. Antes, ela só pode ser realizada em profundo diálogo com a cultura. Na encíclica de Paulo VI, EN, esta questão é central e necessária. À luz do grande evento eclesial, o Concílio Vaticano II, o referido pontífice repropõe retomar a evangelização no mundo contemporâneo, contudo não a partir de recursos ou linguagens do passado, mas a partir das várias possibilidades da época. Este mesmo movimento de renovação eclesial pode ser contemplado no vigoroso e criativo pontificado de Francisco. No início do seu pontificado, com a EG, Francisco conclama os cristãos à evangelização mediante uma corajosa escuta aos novos desafios contemporâneos. Neste artigo, analisa-se de forma análoga estes dois importantes textos do magistério católico, salientando os pontos em comum e os que estão em continuidade. Para isso, a reflexão desdobra-se em três momentos. No primeiro, são apresentados os desafios atuais à evangelização, focando ao menos em três; são eles: a massificação, o identitarismo e a diluição da fé. Posteriormente, apresentar-se a Evangelii Nuntiandi de Paulo VI com suas características próprias e o seu atual alcance. Por fim, busca-se interpretar teologicamente tanto a Evangelii Nuntiandi como a Evangelii Gaudium diante dos novos desafios.

Palavras-Chaves: Evangelii Nuntiandi; Evangelii Gaudium; Teologia; evangelização.

Abstract: This article seeks to situate and recover the importance of the encyclical Evangelii Nuntiandi (EN) by Pope Paul VI in analogy with Evangelii Gaudium (EG) by Pope Francis, relating both to the new challenges of evangelization. It is known that evangelization is the Church's great mission and demands a broad commitment from all Christians. However, it cannot be improvised. It requires knowledge of what is being proclaimed and of the challenges posed to faith. In each era, these challenges do not prevent the demanding fulfillment of this task. On the contrary, it can only be carried out through deep dialogue with culture. In Paul VI's encyclical, EN, this issue is central and necessary. In light of the great ecclesial event of the Second Vatican Council, the aforementioned pontiff proposes to resume evangelization in the modern world, not based on past methods or language, but on the various possibilities of his time. This same movement of ecclesial renewal can be observed in the vigorous and creative pontificate of Francis. At the beginning of his pontificate, through EG, Francis calls Christians to evangelization by courageously listening to new contemporary challenges. This article will analyze, analogously, these two important texts of the Catholic magisterium, highlighting both the points they have in common and those that show continuity. To this end, the reflection will unfold in three parts. First, it will present the current challenges to evangelization, focusing on at least three: massification, identitarianism, and the dilution of faith. Subsequently, Evangelii Nuntiandi by Paul VI will be presented with its own characteristics and its current relevance. Finally, both Evangelii Nuntiandi and Evangelii Gaudium will be interpreted theologically in light of these new challenges.

Keywords: Evangelii Nuntiandi; Evangelii Gaudium; Theology; evangelization.



Introdução

O presente artigo aborda o tema da evangelização presente na *Evangelii Nuntiandi* (EN) do Papa Paulo VI, sua retomada análoga na *Evangelii Gaudium* (EG) do Papa Francisco. A partir de ambos os documentos, pretende-se analisar teologicamente estas referências diante de alguns desafios atuais que se impõem à evangelização e à consciência dos cristãos. Sabe-se que hoje é urgente repensar a centralidade da evangelização a partir do novo cenário cultural, com suas crises, fragmentações e mudanças geopolíticas. A reflexão, neste ínterim, será desdobrada em três momentos inter-relacionados entre si.

Num primeiro momento serão apresentados alguns desafios atuais à evangelização que impactam a vida eclesial e a missão da evangelização. Podem ser considerados como elementos que exprimem uma mudança de época, tanto na sua esfera antropológica como na esfera religiosa. São eles: a massificação, o identitarismo e a diluição da fé. Esta tríade reflete que já não vivemos mais uma cultura moldada pela força da fé e da religião, mas estamos numa dinâmica secularizante. Tanto na EN como na EG estes desafios já são previamente contemplados, contudo sob outras nuances, as dos anos 1970 e de 2013.

Na segunda parte pretende-se abordar a EN, suas características gerais, históricas, com o seu respectivo conteúdo. Buscar-se-á reler o seu ensinamento, associando-o aos desafios contemporâneos no que tange à evangelização. Sabe-se que a missão da Igreja é a evangelização e o sentido de ser da Igreja é proclamar a Boa Nova a todas as pessoas, em todas as épocas e em todas as culturas. Paulo VI, nesta sua exortação, assume o dever de atualizar o anúncio da Palavra numa cultura em constantes mudanças, principalmente no gradual avanço da secularização com seus desafios próprios. Será retomado, nesta sessão, o sentido da EN, em diálogo com a cultura e a Igreja, cinquenta anos depois.

Enfim, na terceira parte do artigo, será realizada uma leitura em paralelo da EN com a EG do Papa Francisco, enfatizando a imposição dos desafios que são colocados no atual cenário de evangelização mencionados já na primeira parte. Os desafios, provenientes da mudança cultural e geopolítica além de impactar a consciência dos cristãos, primeiros responsáveis na transmissão da fé, também tocam na forma de transmitir, interpretar e atualizar o conteúdo do que se crê numa outra cultura. Então, pretende-se reler ambas as exortações apostólicas em paralelo ao novo cenário de mudança de época.



1 Desafios atuais à evangelização: massificação, identitarismo e diluição da fé

A missão evangelizadora da Igreja encontra-se hoje diante de desafios particularmente complexos, marcados por profundas transformações culturais, sociais e comunicacionais. Em um mundo caracterizado por fluxos digitais instantâneos, pluralismo de crenças e crise de pertencimento, a transmissão da fé já não se sustenta nas mesmas estruturas simbólicas e institucionais do passado. A evangelização contemporânea é afetada diretamente por fenômenos como a massificação da fé promovida pela cultura midiática, o avanço de formas identitárias fechadas e polarizadas, e a diluição da fé em meio à privatização religiosa. Esses fatores, embora distintos, convergem para um mesmo cenário de fragmentação e deslocamento do núcleo da missão cristã, exigindo um discernimento profundo sobre os modos de presença da Igreja no mundo de hoje.

A presença da Igreja nos meios de comunicação não é recente, mas adquiriu novas características com o advento da internet, das redes sociais e da comunicação digital de massa. Nesse contexto, surge o chamado “catolicismo midiático”, conceito que descreve a transição de uma pastoral comunitária para uma lógica de evangelização calcada em linguagens midiáticas, formatos instantâneos e vínculos frágeis. Segundo Sbardelotto (2024, p. 126), “passa-se agora a um catolicismo de multi-indivíduos conectados, em meio a um processo contínuo de descatalização do Brasil e de desinstitucionalização da própria Igreja”.

Esse fenômeno é ambíguo. Por um lado, democratiza o acesso à fé, atingindo públicos outrora distantes. Por outro, reduz a experiência cristã a uma performance visual e sonora, muitas vezes moldada pelos algoritmos e pela lógica de mercado. Influenciadores católicos, canais religiosos e transmissões de ações litúrgicas tornam-se produtos consumíveis, transformando a fé em espetáculo. Essa realidade revela “o uso dos meios de comunicação como tecnologia de alienação, promovendo uma ‘internetização’ da experiência religiosa, marcada pela massificação da informação” (Dugnani, 2021, p. 5).

Essa mutação da evangelização, moldada pelas dinâmicas digitais, exige certo cuidado sobre os efeitos da mediação tecnológica na experiência de fé. Quando a transmissão da mensagem cristã se sujeita a critérios de audiência, engajamento e monetização, corre-se o risco de subordinar o conteúdo evangélico ao espetáculo e ao entretenimento. Não



se trata de demonizar os meios de comunicação, mas de reconhecer que não são instrumentos neutros, uma vez que participam de forma ativa na construção de significados e valores. O Evangelho anunciado sob o formato midiático não pode se deixar diluir pelas tendências da lógica publicitária.

Ademais, observa-se uma tendência crescente à individualização da fé, promovida pelos ambientes digitais. O “catolicismo de multi-indivíduos conectados” (Sbardelotto, 2024, p. 126) revela a transição de uma espiritualidade comunitária para uma vivência religiosa fragmentada, personalizada e frequentemente desinstitucionalizada. Essa nova dinâmica é favorecida pela ação dos sistemas de algoritmos, em um mecanismo denominado de algoritmização:

A algoritmização é, portanto, um sistema que visa a tomada de decisões, utilizando padrões identificados em dados para prever e orientar escolhas de forma automatizada e eficiente. A algoritmização fundamenta-se no processamento de grandes volumes de dados com o objetivo principal de extrair padrões que gerem conhecimento específico, estabelecendo correspondências entre elementos baseados em princípios de similaridade, proximidade e afinidade (Almeida; Camargo; Prosper, 2024, p. 749).

A fé, nessa dinâmica, torna-se uma experiência momentânea moldada por preferências individuais e afinidades ideológicas expressas por frases de efeito, imagens comoventes e polêmicas doutrinárias, dissolvendo-se em bolhas digitais que reforçam visões particulares e desarticulam o pertencimento eclesial (Sbardelotto, 2024, p. 127-128).

Como consequência, têm-se a diluição da identidade do sujeito em meio a um conjunto amorfo e indiferenciado, marcado pela ausência de referências estáveis e compartilhadas. O indivíduo, outrora reconhecido como agente autônomo e integrado a uma comunidade sustentada por vínculos sólidos e significativos, encontra-se agora vulnerável à fragmentação de sua subjetividade. Esse processo o expõe a uma sensação de desorientação e a um vazio interior profundo, que revela uma erosão das estruturas antropológicas essenciais ao seu desenvolvimento integral. A perda de sentido, aliada à superficialidade das interações, compromete a densidade simbólica da fé e enfraquece seu enraizamento comunitário, tornando-a cada vez mais volátil, subjetiva e desprovida de mediações sólidas.



A crise da modernidade e a fragmentação dos grandes sistemas simbólicos levaram a uma nova busca por pertencimento e sentido (Hall, 2002, p. 46-48). Nesse vácuo, emergem movimentos identitários que reagem com rigidez às mudanças culturais, morais e religiosas. No âmbito católico, essa reação assume a forma de um reacionarismo religioso, que se manifesta em posturas doutrinárias inflexíveis e polarizadas. Silveira e Silva (2024, p. 84) analisam que esse movimento “é uma reação às fraturas contemporâneas e o revolver ao leito histórico da antimodernidade católica”, resgatando a nostalgia de uma cristandade idealizada e homogênea.

Segundo Caldeira (2004), esse tipo de configuração identitária tem raízes em movimentos antimodernos, que se consolidaram como reações às mudanças culturais e políticas, especialmente a partir do Concílio Vaticano II. Ao invés de reconhecer o necessário e benéfico diálogo entre a Igreja e o mundo, esses movimentos optam por um modelo de defesa e imposição, buscando “reter o sagrado” com o monopólio institucional do discurso religioso. Essa lógica leva à deslegitimação de formas plurais de viver a fé e das diferentes inserções sociais da Igreja.

Esse identitarismo religioso se nutre de um dualismo moralista – “nós” contra “eles” –, transformando a fé em instrumento de combate ideológico. Maria, Almeida e Albuquerque (2024, p. 74) alertam que o fenômeno pode assumir um caráter proselitista, em que a identidade católica se torna excludente e normativa, opondo-se ao espírito de acolhida, escuta e inclusão evangélica. Essa postura reduz a dimensão católica da fé a uma forma de identidade rígida e homogênea, que não reconhece a pluralidade dos contextos humanos e culturais. Trata-se de uma espécie de “neo-integralismo pastoral” que, longe de anunciar a Boa-Nova, transforma a fé em plataforma de distinção social e política, muitas vezes aliada a discursos nacionalistas e autoritários (Silveira; Silva, 2024, p. 86).

O risco maior é que esse fechamento identitário desfigura a vocação da Igreja como sacramento universal de salvação, reduzindo-a a uma comunidade de autoafirmação simbólica. A Igreja sempre precisou equilibrar tensões entre tradição e transformação, mas o que se observa nesses movimentos identitários atuais é a absolutização da tradição como ideologia, não como fidelidade viva ao Evangelho. Nesse cenário, a figura de Jesus é instrumentalizada como ícone de combate, e não como referência de misericórdia, diálogo e comunhão (Silveira; Silva, 2024, p. 87-88).



Outro obstáculo enfrentado pela evangelização contemporânea é a crescente diluição da fé na pós-modernidade. Esse fenômeno se manifesta na perda de densidade simbólica, teológica e comunitária da experiência cristã, afetando diretamente sua transmissão, inteligibilidade e relevância pública. Vivemos um tempo marcado pelo “deslocamento da religião do espaço público para a esfera privada, o que provoca o esvaziamento do conteúdo religioso e a perda de sua capacidade de formar a consciência coletiva” (Carrara, 2016, p. 821). A fé cristã, reduzida à esfera privada, desvincula-se progressivamente das mediações institucionais e das exigências éticas que lhe são constitutivas.

Essa dinâmica está intimamente relacionada ao contexto cultural atual, caracterizado por um pluralismo de princípio e pelo subjetivismo. Como observa De Mori (2021, p. 232), “a fé cristã está sendo desafiada por formas múltiplas de crença que rivalizam com ela em igualdade de condições simbólicas, sem mais recorrer à sua pretensa superioridade ontológica”. A proliferação de ofertas espirituais, muitas vezes adaptadas às exigências do consumo, fragmenta a experiência religiosa, convertendo a fé em uma experiência “afetiva, estética e individualizada” (Bueno; Kotz, 2015, p. 1327). Trata-se de uma religiosidade que se “afasta da instituição e da doutrina para se aproximar da sensibilidade pessoal, e que se expressa na forma de fragmentos espirituais que o sujeito manipula conforme sua conveniência e desejo” (Bueno; Kotz, 2015, p. 1328).

Nesse ambiente, a fé deixa de constituir um horizonte de sentido coletivo, passando a ser compreendida como uma experiência subjetiva fluida. De Mori (2021) identifica o surgimento do que denomina “sujeito vulnerável e fragmentado”, que “vive sob pressão constante da pluralidade simbólica e da descontinuidade afetiva e narrativa” (De Mori, 2021, p. 247). Para esse sujeito, o ato de crer não se articula mais com tradição, doutrina ou comunidade, mas se realiza como performance íntima, emocional e descontínua. A evangelização, portanto, depara-se com interlocutores cuja recepção simbólica está condicionada a linguagens breves, subjetivas e afetivas, o que compromete a transmissão da fé como caminho integrado de vida.

A diluição da fé impacta diretamente a evangelização ao transformar profundamente os parâmetros simbólicos e existenciais que estruturam o ato de crer. “A fé deslocada da sua base comunitária e eclesial torna-se mais vulnerável à lógica de consumo e ao narcisismo religioso” (Bueno; Kotz, 2015, p. 1328). O anúncio do Evangelho encontra, nesse



contexto, obstáculos não apenas externos, mas internos: não se trata apenas da rejeição da fé, mas da sua reconfiguração silenciosa em formas que a tornam irreconhecível em relação à tradição cristã. “O problema não é que a fé desapareceu, mas que mudou de estatuto, perdeu inteligibilidade e foi ressignificada conforme novos regimes de verdade” (De Mori, 2021, p. 236).

Trata-se, portanto, de uma ruptura profunda no modo de recepção da fé, que fragiliza os vínculos de pertença, compromete a cadeia da transmissão e obscurece o significado público da mensagem cristã. O impacto para a evangelização é radical: o Evangelho já não se inscreve em um universo simbólico partilhado, mas é lançado em um campo de ruídos e referências dispersas, onde corre o risco de ser percebido como uma opinião, uma emoção ou um discurso moral entre tantos outros.

Diante do panorama até aqui exposto, fica claro que a evangelização se encontra desafiada não apenas em seus métodos, mas em sua própria concepção. Os fenômenos da massificação midiática, do identitarismo e da diluição da fé revelam que a missão evangelizadora da Igreja corre o risco de se desfigurar, tornando-se espetáculo, ideologia ou subjetivismo espiritualizado. A consequência é um distanciamento crescente entre o anúncio cristão e a escuta efetiva do Evangelho pelas pessoas concretas de hoje. Nesse cenário tão complexo e desafiador, torna-se urgente retomar, à luz das novas exigências históricas, os fundamentos teológicos e pastorais da evangelização na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI.

2 *Evangelii Nuntiandi* e sua relevância hoje

Diante dos desafios contemporâneos como a massificação midiática, o identitarismo e a diluição da fé, conforme exposto na primeira parte, constata-se que “a evangelização exige uma conversão pastoral e um discernimento teológico aprofundado” (Munhoz; Souza, 2017, p. 276). Nesse contexto, torna-se premente resgatar o Evangelho como experiência comunitária e transformadora, superando reducionismos de ordem ideológica e subjetivista. Nesse sentido, destaca-se a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (EN), de 1975, do Papa Paulo VI, como resposta pastoral significativa no cenário pós-Concílio Vaticano II. Tal documento propõe uma evangelização integral, articulando o anúncio da fé com o compromisso social, reafirmando, assim, a missão evangelizadora como dimensão constitutiva da vida eclesial. Dessa



forma, consolida-se como referência fundamental para a compreensão contemporânea da missão da Igreja.

A EN propõe uma evangelização integral, voltada não apenas à proclamação da fé, mas também à transformação das estruturas sociais e à promoção da dignidade humana. Tal evangelização deve abranger todas as esferas da existência e todos os âmbitos da sociedade, sendo animada pela esperança escatológica no Reino de Deus, conforme revelado na vida e na missão de Jesus Cristo. O documento interpreta, assim, o espírito do Concílio Vaticano II ao propor uma renovação da ação pastoral baseada no testemunho de vida, no compromisso com a justiça social e na fidelidade incondicional ao Evangelho (Paulo VI, 1976, n. 20).

Na América Latina, a exortação EN foi acolhida com entusiasmo, inspirando práticas pastorais mais comprometidas com a realidade dos povos. Um exemplo marcante é a formulação da opção preferencial pelos pobres como exigência evangélica e critério da missão (CELAM, 2007, n. 391-397). Essa perspectiva aprofunda a proposta do documento sobre a evangelização como sinal do Reino. A resposta latino-americana valoriza as culturas e condições sociais locais, exigindo discernimento pastoral contínuo, criativo e corajoso frente aos desafios contemporâneos.

O principal objetivo da EN é renovar o ardor missionário da Igreja diante das transformações culturais, sociais e religiosas do mundo contemporâneo. O Papa Paulo VI propõe uma visão integral da evangelização, que não se limita à mera transmissão de doutrinas, mas abrange a transformação das pessoas e das culturas à luz do Evangelho (Costa, 2012, p. 299). O documento busca encorajar todos os membros da Igreja clérigos, religiosos e leigos a assumirem, com renovado empenho, o mandato missionário de Cristo. Nele, destacam-se os seguintes conceitos centrais, que permanecem atuais para a evangelização contemporânea:

Evangelização como parte essencial da identidade da Igreja. Segundo a exortação apostólica, evangelizar é a graça e a vocação própria da Igreja, sua mais profunda identidade (Paulo VI, 1976, n. 14). Isso significa que sua missão evangelizadora não é opcional, mas constitutiva de sua existência. A Igreja existe para anunciar o Evangelho de Cristo ao mundo. Seu dever é ensinar, pregar e reconciliar a humanidade com Deus. Ao evangelizar, a Igreja faz memória viva de Cristo e de sua mensagem salvífica. Assim, a missão evangelizadora é o coração de sua presença no mundo.



Conteúdo da evangelização. O centro da evangelização é o anúncio de Jesus Cristo morto e ressuscitado, a “Boa Nova” para toda a humanidade. Esse anúncio é transformador e dá início a uma catequese que aprofunda a fé. A evangelização inclui também uma formação moral conforme o Evangelho. Evangelizar é gerar vida comunitária, onde a fé é vivida em fraternidade, implicando compromisso com a justiça e o amor ao próximo. Evangelizar é conduzir ao encontro pessoal com Cristo, fonte de conversão e esperança. Como destaca Costa, “a característica da evangelização será sempre a esperança” (Costa, 2012, p. 308). A missão da Igreja, portanto, é tornar presente o Reino de Deus em toda a vida humana.

Meios da evangelização. O documento apresenta diversos meios eficazes de evangelização no contexto contemporâneo. Destaca-se, em primeiro lugar, o testemunho de vida como expressão cotidiana do Evangelho. A pregação explícita permanece essencial para a transmissão direta da mensagem cristã. A evangelização, portanto, abrange todas as dimensões da experiência humana: cultura, libertação e diálogo religioso (Costa, 2012, p. 299). Nesse sentido, os meios de comunicação social, o diálogo inter-religioso, a ação sociopolítica e a inculturação assumem papel igualmente relevante, ampliando o alcance da missão evangelizadora. Esses elementos, integrados, refletem a natureza abrangente, dinâmica e encarnada da missão da Igreja.

Evangelizadores. O documento afirma que todo cristão é chamado à missão evangelizadora, superando a concepção de que apenas o clero exerce tal papel. Reconhece-se, assim, a importância do laicato, destacando seu testemunho no cotidiano – no trabalho, na família e na sociedade. Em contextos marcados pela escassez de sacerdotes, os leigos tornam-se ainda mais essenciais. São convidados a viver e anunciar o Evangelho com criatividade e responsabilidade (Paulo VI, 1976, n. 14-15). A evangelização deve ser encarnada nas culturas locais e promovida por todos. Dessa forma, o anúncio de Cristo se torna mais amplo e eficaz.

Transformação pessoal e social. A evangelização deve atingir tanto o coração das pessoas quanto a sociedade em que habitam. Isso implica uma conversão interior profunda, que se traduz em compromisso com a justiça e a paz. A fé cristã autêntica não se restringe ao âmbito pessoal, mas transforma as relações sociais (Paulo VI, 1976, n. 29). Assim, denuncia-se as estruturas injustas e promove-se a dignidade humana. Evangelizar é, portanto, também lutar por um mundo mais fraterno e solidário.



Desafios contemporâneos. Paulo VI, na Exortação Apostólica EN, reconhece os diversos obstáculos que se impõem à evangelização no mundo moderno. Ele sintetiza elementos como a ruptura cultural, as ideologias, o pluralismo, o secularismo, entre outros, como desafios cruciais enfrentados pela Igreja e pela proclamação do Evangelho na contemporaneidade (Paulo VI, 1976, n. 20). Diante desse contexto, a Igreja é interpelada a realizar uma nova evangelização, que promova o amadurecimento de uma fé profunda e dialogal entre os seus membros. Tal processo evangelizador requer um novo ardor, novos métodos e novas expressões antecipando, assim, temas que seriam aprofundados por pontífices nas décadas subsequentes.

Por isso, na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (EG), o Papa Francisco insiste em como o anúncio do Evangelho pode ser realizado no mundo atual. Inspirado pela exortação EN de seu predecessor Paulo VI, o Pontífice continua percebendo a dificuldade de anunciar o Evangelho no contexto contemporâneo. Por isso, ele enfatiza:

Depois de considerar alguns desafios da realidade atual, quero agora recordar o dever que incumbe sobre nós em toda e qualquer época e lugar, porque não pode haver verdadeira evangelização sem o anúncio explícito de Jesus como Senhor e sem existir uma primazia do anúncio de Jesus Cristo em qualquer trabalho de evangelização (Francisco, 2013, n. 110).

Dessa forma, o Papa ensina que, independentemente das transformações e desafios do mundo contemporâneo, a essência da evangelização reside no anúncio explícito de Jesus Cristo como Senhor. Sem essa proclamação direta, não se configura uma verdadeira ação evangelizadora. Cristo deve ocupar o centro de toda iniciativa missionária. A primazia do anúncio de Cristo constitui uma exigência permanente, e toda a atividade evangelizadora deve emanar desse núcleo fundamental.

A Igreja deve continuar sendo a principal mensageira da propagação do Evangelho, levando em consideração a realidade atual. As raízes lançadas pela exortação apostólica EN, ao reconhecer os desafios impostos pela sociedade à fé cristã, conferem à Igreja força para perseverar e criar novas formas de anunciar o Evangelho de maneira viva, contextualizada e autêntica. É necessário evangelizar com alegria e autenticidade, de modo que o crente sinta o impacto interior decorrente de seu encontro pessoal com Cristo, experimentando, assim, verdadeira alegria e esperança. Por esse motivo, o Papa Francisco afirma: “Essa



alegria que encontramos depois do nosso encontro pessoal com Cristo deve levantar-nos para recomeçar com uma ternura que nunca nos defrauda, e sempre nos pode restituir a alegria” (Francisco, 2013, n. 3).

O mundo digital. A missão evangelizadora nos dias atuais passa, inevitavelmente, pelas redes sociais e plataformas digitais. A exortação EN já reconhecia, mesmo antes dos avanços tecnológicos contemporâneos, o poder e a influência dos meios de comunicação. Hoje, essa realidade se tornou ainda mais urgente. Considerando que grande parte das ações humanas ocorre no ambiente digital, a evangelização precisa também inserir-se nesse contexto, embora com discernimento e atenção aos riscos, como a manipulação de informações, identidades e comportamentos. Não se pode ignorar os meios de comunicação social, pois estes se desenvolveram a ponto de se tornarem instrumentos essenciais para a missão evangelizadora. Como afirma o Papa Paulo VI que, “a Igreja sentir-se-ia culpada diante do seu Senhor, se não utilizasse esses meios potentes que a inteligência humana torna cada vez mais perfeitos” (Paulo VI, 1976, n. 45).

A nova evangelização é missão de todos. Evangelizar não é responsabilidade de apenas alguns, mas um chamado universal, que deve se estender a todos os ambientes: nas redes sociais, no trabalho, na família e na convivência cotidiana. Todos têm o direito de receber o Evangelho, e os cristãos, o dever de anunciá-lo. Como afirma o Papa Francisco, “todos têm o direito de receber o Evangelho, e os cristãos têm o dever de anunciá-lo, não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível” (Coelho, 2014, p. 234).

Sinodalidade e participação. A nova evangelização deve caracterizar-se por uma Igreja sinodal e participativa, fundamentada na escuta atenta e no diálogo constante. Trata-se de promover um cristianismo mais próximo da realidade concreta das pessoas, especialmente em contextos multiculturais e marcados pela diversidade. Tal abordagem deve ser inclusiva, rejeitando qualquer forma de exclusão ou marginalização. Dessa forma, torna-se possível fortalecer a relação entre o povo e Deus, ao mesmo tempo em que se estabelece uma base sólida para a valorização da dignidade da vida humana, frequentemente ameaçada por diversas formas de violação, como a pobreza, o tráfico de pessoas e drogas, o abuso e a exploração de menores, a corrupção e o crime (Coelho, 2014, p. 235).



Evangelização como processo integral. Evangelizar hoje é muito mais do que transmitir doutrinas: é promover a transformação integral da pessoa e da sociedade. A evangelização precisa assumir uma dimensão profundamente humana e social, comprometendo-se com a justiça, a paz, a ecologia integral e a defesa da dignidade dos mais vulneráveis (Francisco, 2013, n. 178). Em um mundo marcado por crescentes desigualdades, crises ambientais e exclusão social, é urgente que a fé cristã se manifeste em gestos concretos de solidariedade, inclusão e cuidado com a vida em todas as suas formas.

Dessa forma, a Exortação Apostólica EN mantém notável atualidade ao propor uma evangelização integral, centrada em Cristo e comprometida com a transformação pessoal e social. Diante dos desafios contemporâneos, ela inspira uma missão viva, participativa e encarnada na realidade concreta. Essa perspectiva é retomada com vigor na EG, do Papa Francisco, ao propor “uma Igreja missionária, sinodal e alegre”, conforme exposto na terceira parte deste artigo.

3 *Evangelii Nuntiandi* e *Evangelii Gaudium* frente aos desafios atuais: crítica e interpretação

Os dois textos produzidos por dois papas diferentes em épocas distintas tratam do mesmo objeto de preocupação eclesial: a evangelização. Este é o grande caminho que o Concílio Vaticano II irá centrar sua atenção numa fase posterior de recepção da urgente missionariedade da Igreja. Com este Concílio haverá a busca de descolonizar a transmissão da fé por uma evangelização que leve em consideração o contexto, os sujeitos, os meios e os protagonistas.

O contexto da *Evangelii Nuntiandi* (EN) vai em três direções: término do Ano Santo; os dez anos de conclusão do Vaticano II e o Sínodo da Evangelização ocorrido em 1974. Não foi apenas uma avaliação final do Sínodo, que coube ao Papa Paulo VI relatar, mas também uma atitude inteligente tomada por um espírito de fidelidade e de serviço pela causa do Reino de Deus. A EN teve como objetivo atualizar a evangelização no mundo contemporâneo. Desejava convocar todos os cristãos ao compromisso de solidariedade com o plano de vida e salvação revelado na missão de Jesus, bem como a rever os métodos e meios que possibilitam chegar ao homem moderno a mensagem do plano salvífico de Deus (Paulo VI, 1976, n. 2).



Paulo VI nos leva a perceber que a EN, antes de ser mais um documento do Magistério da Igreja, tratou de nos apresentar a evangelização como um processo integral e global, o qual deverá, desde já, na vida de cada um dos católicos, despertar o sentimento de corresponsabilidade e consciência pessoal perante as necessidades do nosso tempo. O Papa nos faz notar os problemas, as polêmicas, as hostilidades, as possíveis catástrofes de uma sociedade sem Deus.

A *Evangelii Gaudium* (EG) do Papa Francisco foi promulgada em novembro de 2013; é uma exortação apostólica pós-sinodal, escrito ao início do seu pontificado, mas posteriormente à renúncia do Papa Bento XVI e do sínodo sobre o ano da fé. O Sínodo dos Bispos ocorrido em Roma, cujo tema foi “A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã”, de outubro de 2012, motivou Francisco a motivar a Igreja no anúncio missionário do Evangelho e sua relação com o tema da alegria. Para o Papa, a alegria está no centro da proclamação da grande notícia deixada por Jesus pelo Reino de Deus (Francisco, 2013, n. 3).

Assim com a *EN* de Paulo VI, a *EG* de Francisco atualiza a pastoral da Igreja Universal a partir do contexto atual, conjugando evangelização e as questões sociais com a promoção humana, a libertação do pobre e a inclusão social (Ivereigh, 2015). Na EG a evangelização não se desvincula da vida social. Discute-se questões de contemporaneidade como a idolatria do dinheiro, a economia, a crise ambiental e social presente hoje no atual contexto (Sung, 2018).

Tanto Paulo VI como Francisco são papas do Concílio e do pós-Vaticano II e assumem a cultura, o mundo, a sociedade e relação com os desafios hodiernos não mais a partir de uma visão apologética, de defesa contra o “modernismo”, mas de assimilação dos sinais dos tempos e diálogo. Ambos, em seus respectivos contextos, buscaram responder aos desafios de suas épocas, numa busca de diálogo, discernimento e empenho em promover uma cultura de integração e recepção do evangelho com as adversidades (Santos, 2024).

No que tange ao desafio da massificação, realidade da perda de lugar do sujeito dentro de um grupo, ela desafia a evangelização, já em um outro contexto distinto da EN. A massificação é a perda de identidade de um sujeito que antes, emancipado e senhor de si mesmo, agora situa-se num contexto sem referências claras. No universo da massificação – diluição de um eu no todo – há um sujeito ameaçado pela desintegração e por uma sensação de vazio interior. Esse vazio interior manifesta-se como



uma desvitalização de estruturas antropológicas típicas do ser humano. Desaparece a perspectiva do futuro ou utopia. O que importa é viver o presente e desfrutá-lo plenamente (Junges, 2001).

Embora tanto a EN como a EG tratam da evangelização num contexto de massificação, sabe-se que, com a corrosão da dimensão objetiva da fé, o sujeito isolado do vínculo eclesial-comunitário, refugia-se numa espiritualidade de pertença na qual ele é o critério de valoração. Se ambas as perspectivas do magistério pontifício insistem numa evangelização que leve em conta a pessoa e sua condição cultural e existencial, não se pode negar que hoje, com a cultura da massificação, consequência da própria secularização ocidental, há uma crise de credibilidade institucional. A crise da evangelização, neste intento, não consiste apenas no fato que entre a busca de verdade da Igreja e a que condiciona as pessoas estão numa dificuldade de comunicação, mas que a verdade da fé transmitida por ela mesma não é mais credível ou aceitável facilmente (Böttigheimer, 2014).

O segundo desafio aludido inicialmente, do identitarismo, também encontra um eco na cultura da massificação e na evangelização. Se o identitarismo impõe-se como uma “mentalidade de excessivo compartilhamento de uma identidade grupal para o restante da sociedade” (Risério, 2024, p. 19), isso também condiciona a vida eclesial e a evangelização. Exprime uma crise da globalização e da tentativa de superar as diferenças entre os povos, com o lento processo de “corporativismo” identitário. Do ponto de vista da fé, a evangelização é impactada por identidades de pessoas fechadas em referências apenas objetivas, mas que nem sempre alargam para a diferença e a alteridade. Neste desafio para a evangelização, esquece-se o sentido histórico, os valores e as instituições.

Na EG, o Papa Francisco denunciava esse identitarismo ao falar sobre a acídia egoísta. Diz ele,

Esta acídia pastoral pode ter origens diversas: alguns caem nela por sustentarem projetos irrealizáveis e não viverem de bom grado o que poderiam razoavelmente fazer; outros, por não aceitarem a custosa evolução dos processos e querem que tudo caia do Céu; outros, por se apegarem a alguns projetos ou a sonhos de sucesso cultivados pela sua vaidade; outros, por terem perdido o contacto real com o povo, numa despersonalização da pastoral que leva a prestar mais atenção à organização do que às pessoas, acabando assim por se entusiasmarem mais com a «tabela de marcha» do que com a própria marcha; outros ainda



caem na acídia, por não saberem esperar e quererem dominar o ritmo da vida. A ânsia hodierna de chegar a resultados imediatos faz com que os agentes pastorais não tolerem facilmente o que signifique alguma contradição, um aparente fracasso, uma crítica, uma cruz (Francisco, 2013, n. 82).

Percebe-se que o identitarismo hoje é uma forma mais sociológica de exprimir o individualismo contemporâneo. Com esta tônica há uma fragilidade do outro, da alteridade, em detrimento da hiper inflamento do ego. O que importa é o que se pensa dentro de um grupo; este, retroalimenta a verdade de uma pessoa com a própria identidade do grupo. Há uma tendência de desaparecimento da figura do outro do cenário social, fragilizando os laços. Sobre a evangelização emerge um cenário de Igreja centrado mais no sujeito que nos excluídos e vulneráveis.

O fenômeno da secularização produziu o efeito da privatização das instituições em relação ao Estado e à consciência da sociedade. A Igreja menos influenciará o conjunto da sociedade (Libanio, 2001a). Diminuindo a sua força de controle sobre a sociedade e o Estado, além de indivíduos “desigrejados” de forma narcisista, a Igreja e um tipo de evangelização tenderá a desaparecer ou enfraquecer. Embora este fenômeno seja novo, já na EN esta percepção era compreensível dentro de uma secularização em processo de estabilização no contexto ocidental.

O terceiro desafio aludido frente à evangelização, o da diluição da fé, também é consequência da massificação progressiva e do identitarismo, situa-se no contexto de mundo e de evangelização indicado. Por diluição da fé não entendemos o desaparecimento da fé e das pessoas de fé, mas de um formato de fé, reduzido à salvação de si mesmo. Ratzinger em 1970 aludia que o “homem de hoje olha para o futuro. A palavra que o caracteriza é ‘progresso’, não ‘tradição’; ‘esperança’, não ‘fé’” (Ratzinger, 1970, p. 60). Antes mesmo da EN o tema da fé associada ao progresso era uma preocupação dos teólogos. Isso, obviamente, influenciou o clima de ausência de uma percepção de um mundo sem a Igreja ocupar um lugar central.

A diluição da fé, no atual cenário de mundo, vem acompanhado por uma incidência cada vez maior do mundo tecnológico e digital na vida das pessoas, e em especial, dos cristãos. Não que a fé, enquanto virtude teologal esteja desaparecendo, mas a sua influência na consciência dos cristãos é geradora de uma transmutação no ato de crer. A cultura da hiperinformação, associada às notícias falsas (*fake news*) desencadeia



uma nova forma de confiar, de acreditar e de engajar-se com sentido à existência (Almeida, 2021).

Mais que uma diluição da fé, acena-se também no cenário da evangelização contemporânea formas plásticas e sutis de fundamentalismo religioso que sensibiliza religiosos e cristãos na cultura massificada e do identitarismo. Este fenômeno, que não é aludido na EN de Paulo VI e nem na EG de Francisco, desafia a repensar a evangelização neste contexto de fragmentação religiosa e de fé. A diluição da fé, enquanto expressão do modo de comunicá-la, provém de uma nova de viver a experiência religiosa.

Se no universo semita a centralidade estava na palavra, no mundo grego era a razão, e, no universo romano, o direito; já na atualidade, a cultura da imagem, notadamente pós-moderna, mobiliza uma corrida atrás de símbolos e o visual, pois podem dar à identidade religiosa uma solidez, em detrimento das formas anteriores (Libanio, 2001b). Assim, a diluição da fé, de um sentido menos racional e mais “experencial”, é geradora de uma busca que atenda às necessidades mais emotivas e imediatas.

A evangelização, neste contexto, é moldada por uma preocupação com a estética. Os jovens, que respiram mais fortemente os primeiros ares culturais, revelam mudanças no seu comportamento, cultivando a beleza. As expressões religiosas, e a própria evangelização, sofrem também de tal onda. A religião, neste cenário, tem se transformado muitas vezes em produto de consumo provisório, descartável, funcional, moldado segundo as preferências das pessoas. Este contexto é dissonante das percepções sobre a evangelização presente na EN e na EG. Deste modo, o desafio é o de considerar estas perspectivas e repensar o sentido da fé a partir da realidade com suas ambiguidades e paradoxos.

Conclusão

No presente artigo discorreu-se sobre a evangelização a partir do jubilar documento *Evangelii Nuntiandi* do Papa Paulo VI. Buscou-se situá-la dentro do seu contexto, com os condicionamentos de época, colocando novos desafios do tempo presente que exprimem a mudança de cenário. Além de rememorar a EN, remontou-se também à *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco, texto essencial para entender as balizas do seu magistério pontifício e a evangelização em outra época.



Foi levado em consideração a necessidade de pensar a evangelização a partir de uma ênfase à inculturação. Com o Vaticano II, a evangelização foi pensada a partir da ótica do diálogo, dos sinais dos tempos, da autonomia das realidades terrestres e da acolhida da história. Iniciava uma época que se buscava evitar a uniformização a partir de uma visão colonialista sobre a evangelização dos povos. A evangelização tal qual é compreendida na EN, além de estar dentro do horizonte conciliar, também foi protagonizado pelo contexto da globalização que dava visibilidade, em termos mundiais, às experiências regionais e locais. Mas ao mesmo tempo que este fenômeno possibilitou o encontro de culturas e de regionalismos, também favoreceu o desenraizamento da fé, ocasionando uma massificação ou perda de identidade religiosa, frente às várias propostas.

Os desafios atuais como a massificação da fé, o identitarismo religioso e a diluição do sentido comunitário da fé cristã colocam em evidência a urgência de se repensar os modelos pastorais vigentes. Tais desafios não devem ser interpretados como ameaças externas à Igreja, mas como sintomas de uma mudança de época que interpelam a evangelização em sua estrutura, em sua linguagem e em seus protagonistas. A resposta a esses desafios não pode ser o fechamento doutrinário, nem o apelo a uma nostalgia litúrgica ou institucional, mas uma abertura humilde e ousada à escuta do Espírito, que continua a falar nos acontecimentos da história.

Diante desse panorama, torna-se evidente que a missão evangelizadora da Igreja exige não apenas fidelidade ao núcleo do Evangelho, mas também uma renovada criatividade pastoral, capaz de dialogar com os anseios e as feridas do mundo contemporâneo. A ação evangelizadora deve, portanto, promover uma integração profunda entre o coração humano e o coração de Deus, favorecendo a construção da comunhão e o fortalecimento da solidariedade. Nesse horizonte, ressoa com novo vigor o chamado a uma “Igreja em saída”, audaz e comprometida com as realidades concretas da existência humana. Portanto, evangelizar na contemporaneidade, constitui-se, mais do que nunca, em um ato de esperança encarnado na concretude da história.

Referências

ALMEIDA, André Luiz Boccato de. *Moral Social*. Iniciação à Teologia. Petrópolis: Vozes, 2021.



ALMEIDA, André Luiz Boccato de; CAMARGO, Julian Carlos de; PROSPER, Lupeke Nicholaus. A Fraternidade Cristã e Ecologia Integral no Papa Francisco: uma reflexão teológica sobre um novo humanismo a partir do cristianismo. In: *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 39, n. 3, p. 743-763, set./dez. 2024. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1914/1529>. Acesso em: 26 maio 2025.

BÖTTIGHEIMER, Christoph. *Comprendere la fede*. Una teologia dell'atto di fede. Brescia: Queriniana, 2014. (Biblioteca di teologia contemporânea, 167).

BUENO, Marcos Paulo de Oliveira; KOTZ, Fernando Tiago. Enfraquecimento do pensamento e a privatização da fé. In: *Anais dos Simpósios da ABHR*. Juiz de Fora: ABHR, v. 14 p. 1326–1329, 2015. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/948>. Acesso em: 2 maio 2025.

CALDEIRA, Rodrigo Coppe. Domínios diferenciados e refluxos identitários: o pensamento católico “antimoderno” no Brasil. In: *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 97-111, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/horizonte/article/view/582/613>. Acesso em: 2 maio 2025.

CARRARA, Paulo Sérgio. Enfraquecimento da ideia de Deus e de homem na pós-modernidade. In: *Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 817-839, set./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/1357/1291>. Acesso em: 2 maio 2025.

CELAM. *Documento de Aparecida*: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus: Paulinas, 2007.

COELHO, Renato Arnellas. A nova evangelização e sua importância para o Brasil. In: *Revista Eletrônica Espaço Teológico*. v. 8, n. 14, jul./dez, 2014, p. 225-241. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/21563/15812>. Acesso em: 6 maio 2025.

COSTA, César Augusto Soares da. O debate teológico sobre a evangelização e a libertação na perspectiva da *Evangelii Nuntiandi*. In: *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 286-321, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/teo/article/download/12307/8250/45708>. Acesso em: 20 abr. 2025.



DE MORI, Geraldo. Propor a fé na pós-modernidade. *In: Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 29, n. 99, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/53577/37834>. Acesso em: 5 maio 2025.

DUGNANI, Patricio. Massificação e internetilização: duas faces da mesma moeda no processo de alienação pelos meios de comunicação. *In: Revista Observatório*, Palmas, v. 7, n. 4, p. 1-13, out./dez. 2021. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/11578/19991>. Acesso em: 5 maio 2025.

FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Loyola, 2013.

HAAL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

IVEREIGH, Austen. *Francisco, o grande reformador*. Portugal: Vogais, 2015.

JUNGES, José Roque. *Evento Cristo e Ação Humana*. Temas fundamentais da ética teológica. São Leopoldo: Unisinos, 2001. (Coleção Theologia Publica 1).

LIBANIO, João Batista. *As lógicas da cidade*. O impacto sobre a fé e sobre o impacto da fé. São Paulo: Loyola, 2001b.

LIBANIO, João Batista. *Cenários da Igreja*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001a.

MARIA, Karolayne Camargo; ALMEIDA, André Luiz Boccato de; ALBUQUERQUE, Lúcia Eliza Ferreira da Silva. Cristianismo entre o “identitarismo” proselitista e a “identidade” católica inclusiva: uma reflexão teológico-moral. *In: Caminhos*, Goiânia, v. 22, n. 1, p. 73-83, jan./abr. 2024. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/13993/6667>. Acesso em: 25 abr. 2025.

MUNHOZ, Alzira; SOUSA, Marcel Alexandre de. A evangelização como definidora da identidade da Igreja: deixar-se ser evangelizada para evangelizar. *In: Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, n. 89, p. 276-277, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/download/rct.i89.34467/23680/93954>. Acesso em: 25 abr. 2025.



PAULO VI, Papa. *Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi: sobre a evangelização no mundo contemporâneo*. São Paulo: Paulinas, 1976.

RATZINGER, Joseph. *Fé e futuro*. Petrópolis: Vozes, 1970.

RISÉRIO, Antonio. *Identitarismo*. São Paulo: LVM, 2024.

SANTOS, José Genilton C. dos. *Evangelii Gaudium: análise da atualização pastoral e social da Igreja Católica no contexto contemporâneo*. In: *Revista Foco*, v. 17, n. 8, p. 1-29, 2024. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/5954/4321>. Acesso em: 24 maio 2025.

SBARDELOTTO, Moisés. Revisitando o catolicismo midiático: das mídias católicas à midiatização da religião. In: *Caminhos*, Goiânia, v. 22, n. 1, p. 116-131, jan./abr. 2024. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/14147/6686>. Acesso em: 5 maio 2025.

SILVEIRA, Emerson José Sena da; SILVA, Emanuel Freitas da. Uma expressão incômoda do pluralismo católico: reacionarismo em plataforma digital. In: *Caminhos*, Goiânia, v. 22, n. 1, p. 84-99, jan./abr. 2024. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/13996/6668>. Acesso em: 5 maio 2025.

SUNG, Jung Mo. *Idolatria do dinheiro e direitos humanos: uma crítica teológica do novo mito do capitalismo*. São Paulo: Paulus, 2018.